

Colégio Brasileiro de Nutrição Animal
Sociedade Brasileira de Nutrição e Nutrologia de Cães e Gatos
VII Workshop sobre Nutrição e Nutrologia de Cães e Gatos
Dietas caseiras na rotina clínica
Distrito Anhembi São Paulo
Avenida Olavo Fontoura, 1209 – Bairro Santana, São Paulo SP
04 de junho de 2024

Painel: Limites éticos da prescrição de alimentos caseiros para pets: o que todo nutricionista deveria saber?

Questão social e econômica da prescrição de alimentos caseiros para pets

Augusto Hauber Gameiro

Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia
Universidade de São Paulo

Antes de entrar na questão social e econômica da prescrição de alimentos caseiros para pets, propriamente dita, eu gostaria de trazer uma visão sobre a ÉTICA, que é o tema maior deste painel.

A forma mais ampla que poderíamos definir ÉTICA seria a da “ciência da conduta humana”, mais especificamente, “a ciência da conduta humana em busca do bem”. Se partirmos de Aristóteles, este “bem” significa “felicidade”. Portanto, a ÉTICA seria “a ciência da conduta humana em busca da felicidade”.

O desafio, porém, é encontrar esse caminho, porque ele talvez não exista pronto, mas sim, deve ser construído. Em outras palavras, em que pesem todos os esforços de se construir manuais, receituários e códigos de ÉTICA, essa solução não se encontra pronta, ainda mais em um mundo dinâmico e complexo em que vivemos contemporaneamente.

Bertrand Russell afirmou que a ÉTICA não contém afirmações verdadeiras ou falsas, mas consiste em desejos das mais diversas naturezas. Tais desejos se baseiam em valores humanos e, portanto, são carregados de SUBJETIVIDADE, ou, em outras palavras, são carregados de particularidades e singularidades associadas a VALORES individuais.

Para John Dewey, os valores são qualidades imediatas sobre as quais nada há o que se dizer; só em virtude de um procedimento crítico e reflexivo é que podem ser preferidos ou preteridos. Então esses valores são “fugazes e precários, negativos e positivos, além de infinitamente diferentes em suas qualidades”. Daí a importância da filosofia que, como “crítica das críticas”, em primeiro lugar tem o objetivo de interpretar acontecimentos para deles fazer instrumentos e meios da realização dos valores; e em segundo lugar, o de renovar o significado dos valores.

Deixando a Filosofia de lado – dentro da qual se estuda a ÉTICA – e voltando para nosso dia a dia de profissionais que trabalham com Nutrição e Nutrologia, o convite que aqui se faz é para o exercício constante e permanente da reflexão sobre os valores de todas as nossas atitudes. De forma simplificada: a prescrição de uma dieta, qualquer que seja ela,

transcende a mera questão técnico-científica-nutricional da espécie da qual temos interesse.

Assim, se eu pudesse propor uma resposta para a pergunta central do nosso painel: “o que todo nutricionista deveria saber?”, eu diria que é “que a escolha de cada ingredientes e tecnologia de preparação implica uma série de consequências das mais diversas naturezas, muito além do que nutrir um animal”.

Não é apenas o atendimento das exigências nutricionais que deve estar em questão. Ao optarmos pelo ingrediente A ou B estamos tomando decisão para toda a sociedade, inclusive para as futuras gerações, por mais exagerado que isso possa parecer.

É sempre importante lembrarmos que toda escolha implica sacrifício, implica renúncia. Isto é central neste diálogo aqui.

Eu optei por trazer dois aspectos para este painel:

O primeiro, mais relacionado ao SOCIAL, refere-se à disputa por recursos entre indivíduos e entre espécies, é o que nós chamamos na Economia do “Para quem produzir?”; mais especificamente, refiro-me à distribuição dos recursos.

Isso poderia ser representado pela pobreza no Brasil. Em 2022, último dado disponível, aproximadamente, 32% dos brasileiros e brasileiras viviam na pobreza (que segundo o Banco Mundial é viver com até US\$ 6,85/dia ou R\$ 36/dia) e 6% viviam na extrema pobreza (ou seja, viver com até US\$ 2,15/dia ou R\$ 11/dia). São dados do IBGE. Se considerarmos a população brasileira hoje, estimada em 203 milhões de habitantes temos aproximadamente, 64 milhões de pobres e 12 milhões de extremamente pobres. A questão que se coloca é qual o destino que estamos dando aos alimentos produzidos? Como fazemos essa distribuição?

E não é apenas a disputa pelos alimentos em si, mas pelos fatores de produção (insumos, equipamentos, energia, mão de obra) usados para a produção de alimentos. Então, por exemplo, não adianta defender a inclusão do sorgo em uma ração com o apelo de que um humano não comeria sorgo. Temos que considerar que os recursos para a produção do sorgo são redirecionados (subtraídos) da produção de outros alimentos diversos. Em síntese, os recursos são escassos, de modo que toda decisão de uso, implica não-uso alternativo.

O segundo, mais relacionado ao TÉCNICO-AMBIENTAL, mas que também tem reflexo sobre o social, refere-se aos efeitos ambientais da produção de alimentos. Aqui estamos falando de outra questão da Economia, que é o “Como produzir?”. É importante termos em mente também que os sociólogos tratam as questões ambientais como “socioambientais”, por entenderem que todos os impactos ambientais são também sempre impactos sociais, pois nunca recaem uniformemente sobre todos, mas sim, mais pesadamente sobre os menos favorecidos.

Neste segundo aspecto, utilizarei como referência a concepção de “Fronteiras Planetárias”, de Rockström, Steffen, Richardson e seus colaboradores. Segundo essa metodologia científica, há 9 dimensões de efeitos da humanidade sobre a integridade do planeta Terra. Na última atualização deles, a de 2023, das 9 fronteiras consideradas, 6 já haviam ultrapassado o limite de segurança e reversão. São elas: i) os ciclos biogeoquímicos de nitrogênio e fósforo; ii) a disponibilidade de água doce; iii) o uso de terra agricultável; iv)

a biodiversidade; v) a mudança climática; e vi) as novas entidades (que são substâncias criadas pelo homem e que não existiam na natureza, e que totalizam aproximadamente 350.000 mil novas moléculas). O impacto ambiental da criação de pets ainda é pouco falado no Brasil e até mesmo no mundo. Não devemos ter mais do que uns 20 artigos científicos. Mas em um dia não muito distante, a pressão vai bater à porta de nossas casas e clínicas.

Bem, como juntar todas essas considerações em um encaminhamento do nosso assunto. Primeiro, minha sugestão de que, dada toda essa complexidade, tenhamos muito cuidado em adotar uma posição absoluta em favor ou contra algum determinado tipo de dieta, como a polarização entre a dieta caseira, a industrial, a natural etc. Cuidado, principalmente, para que recomendações meramente técnicas não obscureçam as demais dimensões envolvidas nessas escolhas.

Para fomentar ainda mais nosso diálogo aqui, eu vou ousar trazer alguns questionamentos que entendo poderem ser relevantes para a escolha das dietas:

Qual a dieta que pode proporcionar a efetiva melhor nutrição para o pet?

Qual a dieta que pode proporcionar a efetiva maior satisfação para o pet?

Nota: essas duas questões são relacionadas. Quem de nós aqui segue rigorosamente o que o nutricionista nos recomenda? Que atire a primeira pedra! Lembrando ainda, que nós temos a possibilidade de escolha; o animal, não.

Qual a dieta que pode proporcionar o melhor aproveitamento de produtos, subprodutos e coprodutos?

Qual a dieta que pode proporcionar o melhor controle sobre a origem dos ingredientes, e que pode permitir a seleção daqueles de menor impacto socioambiental?

Qual a dieta que pode proporcionar a valorização da simbiose humano x pet, especialmente pelo fortalecimento de laços afetivos?

Qual a dieta que pode proporcionar a melhor relação benefício-custo do ponto de vista privado?

Vejam, portanto, que ÉTICA é muito mais sobre perguntas do que sobre respostas.

ÉTICA, mais do que algo que nos guia objetivamente, é uma reflexão de nós sobre nós mesmos e sobre o mundo.

E creio que esta é minha pequena contribuição para este importante painel: trazer questionamentos, muito mais do que trazer respostas.

Grato pela atenção.